

# O livro dos sentidos



**Ricardo Azevedo**

## Manual do Professor

A relação da criança com a literatura é uma experiência estética. Ler uma obra literária é perceber as palavras em sua dimensão artística, além de sua função comunicativa. Ter acesso à literatura significa uma oportunidade ímpar de repensar sua própria identidade. Como afirma Britto (2008, p. 100):

A literatura constitui a possibilidade, pela convivência com a contínua produção e com a circulação de percepções e indagações inusitadas, de uma pessoa ou de um coletivo de pessoas de pensar a vida delas, os modos de ser e estar no mundo; enfim, de viver e fazer a condição humana.

Sendo a escola a instituição social responsável pelo saber acumulado entre gerações, cabe a ela a formação de novos leitores. E, para criar o hábito de leitura em todos os alunos, é fundamental que a instituição deixe de considerar a língua como o propósito de ensino, como fazem as escolas tradicionalmente, e considerem a leitura e a escrita como o objeto fundamental de ensino, configurando o que Lerner (2002) chama de “uma comunidade de leitores”.

Neste contexto, a atuação do professor ganha papel relevante: cabe a ele, como profissional da educação, fazer a mediação entre a criança e o texto literário. Possuindo um repertório de leitura mais vasto que o do aluno que adentra o universo literário, é o professor quem leva literatura de qualidade para a sala, apresenta a leitura como objeto de fruição e, muitas vezes, lê em voz alta, envolvendo seus pequenos espectadores em um universo de magia e encantamento.

Utilizar a literatura em sala de aula está plenamente de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dentro do eixo “leitura”, a fruição do texto literário configura-se como interação com uma escrita do campo artístico-literário. Ler na escola, com a mediação do professor, significa a oportunidade de desenvolver variadas estratégias de leitura (antecipação, seleção, inferência e verificação); de aprender a localizar informações explícitas em um texto escrito; de identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais; e, abrangendo todas essas habilidades, identificar a função social da literatura de modo geral, de emocionar, entreter, fazer sonhar.

Além de favorecer o desenvolvimento de Competências Específicas de Língua Portuguesa, **O livro dos sentidos** também está totalmente adequado ao desenvolvimento da competência geral Repertório cultural. Isso porque a obra parte de um conhecimento objetivo, específico da área científica, e o reinterpreta sob uma óptica artística, pessoal, trazendo reflexão, sensibilidade e delicadeza como formas de perceber o mundo. Ler a obra leva os alunos a, inevitavelmente, fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

## ANTES DE LER O LIVRO

Ricardo Azevedo é um expoente da literatura infantil e juvenil brasileira. Autor e ilustrador de vários livros para crianças e jovens, transita com facilidade entre a cultura popular, a música e a poesia.

**O livro dos sentidos** é uma obra ficcional de literatura infantojuvenil brasileira. Com um toque poético e lúdico, os textos são construídos por meio da voz de um menino que expressa suas opiniões pessoais, suas emoções, ideias, imaginações, fantasias e lembranças. São pequenas crônicas sobre os cinco sentidos humanos e o chamado “sexto sentido”, a intuição.

Pode-se afirmar que os textos do livro têm proximidade com o gênero crônica por serem curtos, narrados em primeira pessoa, promotores de integração com o leitor e terem, como base, um elemento cotidiano (os sentidos humanos). Entretanto, não são crônicas clássicas, pois possuem também um toque lúdico e poético que as aproxima especialmente das crianças, envolvendo-as em um mundo de fantasia, encantamento e imaginação.

Essa abordagem dos sentidos humanos pelo ponto de vista pessoal e intuitivo de uma criança é muito apropriada para despertar o interesse de alunos do 1.º ao 3.º ano do Ensino Fundamental em um tópico científico. A obra trata do tema Descoberta de si, pois tangencia a competência de autoconhecimento e autocuidado, já que, ao vivenciar essa experiência estética de leitura, o aluno também reflete sobre o próprio modo de perceber o que se passa à sua volta – tanto o modo objetivo, por meio dos órgãos dos sentidos, quanto o modo subjetivo, por meio das impressões pessoais.

### Motivação para a leitura/escuta

Antes de ler o livro com os alunos, é fundamental, para uma boa mediação da leitura, que você, professor, proponha perguntas que os motivem a ler a obra. Alguns exemplos de questões que podem ser feitas:

1. Pergunte aos alunos o que o título e a ilustração da capa sugerem a respeito do enredo. Levante algumas hipóteses com base no que eles sugerirem e anote-as para serem retomadas após a leitura da quarta capa.
2. Observe com os alunos a capa e as ilustrações. Chame a atenção deles para o fato de que o ilustrador é o próprio autor. Converse sobre a função do autor e do ilustrador – sobre o quanto ambos precisam estar integrados – e levante, com eles, as possíveis diferenças entre um autor que ilustra os próprios livros (como Ricardo Azevedo) e aqueles que preferem trabalhar em parceria com um ilustrador.
3. Leia com os alunos o texto de quarta capa e pergunte: “Algo mudou sobre as ideias até então levantadas a respeito do livro?”; “É possível relacionar a ilustração da capa do livro ao título?”. Explore com eles que, apesar de representar algo que retrata mais diretamente o sentido do paladar, todos os sentidos estão “presentes” na ilustração. Ao dar uma dentada na maçã, essa pessoa viu a fruta, pegou-a, sentiu seu cheiro, sentiu seu sabor e ouviu o barulho da mordida.
4. Tomando como base a leitura da quarta capa e a reflexão sobre a ilustração, relembre, com os alunos, quais são os cinco sentidos humanos e os respectivos órgãos responsáveis por eles.

5. Explore, então, o sumário da obra e pergunte: “Por que, além dos cinco sentidos, a intuição está incluída?”. Proponha aos alunos que realizem uma pesquisa, com os familiares, relacionada ao significado da expressão “sexto sentido”. Ao receber relatos de pessoas habituadas a ouvir e utilizar esta expressão, e até alguns exemplos de contextos em que ela possa ser utilizada, o objetivo é que os alunos compreendam que, popularmente, a intuição é vista, muitas vezes, como um sexto sentido.
6. Proponha aos alunos que conheçam um pouco mais sobre o autor. Peça-lhes que leiam a biografia que se encontra na última página do livro ou que pesquisem sobre isso na internet.

## DURANTE A LEITURA

Durante a leitura, o ideal é que a experiência de ler seja diversificada e compartilhada. Afinal, ler na escola é diferente de ler em casa justamente pela possibilidade de contar com a orientação e mediação do professor e com a oportunidade de compartilhar a própria interpretação do texto lido com a interpretação dos colegas. Para explorar ao máximo essas possibilidades, recomendamos que algumas estratégias sejam utilizadas.

A primeira diz respeito à diversificação do modo de leitura. Ora o professor pode ser o leitor e os alunos podem ser os ouvintes; ora podem ser eles a lerem em voz alta (em sistema de revezamento). Pode-se, ainda, propor a leitura pelo professor, com os alunos acompanhando essa leitura com o dedo, ou mesmo a leitura silenciosa individual. Em outros momentos, os alunos podem ser divididos em pequenos grupos e, em cada um deles, um aluno ser designado como leitor do grupo. Todas as possibilidades são válidas, e alterná-las garante não apenas variadas experiências de leitura para todos, como também permite a alunos com aptidões diferentes que vivenciem as leituras com as quais mais se identificam. Afinal, se considerarmos que cada aluno tem uma forma própria de aprender, torna-se essencial possibilitar à classe múltiplos modos de leitura.

Além de diversificar a estratégia para a leitura compartilhada, é importante diversificar também os locais de leitura. Ler dentro da sala de aula é diferente de ler no pátio, ou debaixo de uma árvore, por exemplo. Especialmente em um livro que aborde os sentidos humanos, essa diversificação é fundamental, pois os alunos terão a oportunidade de, além de ler, utilizar os sentidos na prática para apreender o ambiente em que se encontram em sua totalidade.

**O livro dos sentidos** é bem dividido: para cada sentido há um pequeno texto escrito em prosa poética. Recomendamos utilizar essa divisão nos momentos de programar as sessões de leitura. Cada texto pode ser lido em uma ou duas sessões, dependendo do rendimento e do envolvimento da turma.

Antes de iniciar cada sessão de leitura, uma boa estratégia para mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos é pedir-lhes que, coletivamente, elaborem listas com o modo como eles concebem aquele sentido que está sendo analisado e ainda que relacionem expressões da linguagem em que o sentido ou o respectivo órgão apareçam (por exemplo: “fulano tem ‘visão’ de mundo”; “aquilo custa os ‘olhos’ da cara”). Depois deste levantamento, os alunos estarão envolvidos com a temática e poderão, ao fazer a leitura, comparar a maneira como concebem aquele sentido e o modo como o menino-narrador o compreende.

Durante a leitura, recomendamos não substituir as palavras desconhecidas por sinônimos. O ideal é ler o texto completo, auxiliando os alunos a apreenderem o sentido destas palavras pelo contexto em que se inserem. Caso não consigam realizar esta inferência, a estratégia deve ser a consulta ao dicionário, mas somente ao final da sessão de leitura.

## DEPOIS DA LEITURA

### O texto e o contexto

1. Após a leitura do livro, estimule os alunos a expor o que acharam da obra. Inicialmente, deixe-os livres para traçar as próprias considerações a respeito do enredo.
2. Retome as listas elaboradas coletivamente pelos alunos quanto ao modo como eles concebiam os sentidos antes da leitura de cada capítulo do livro. Peça-lhes que revejam e digam se mudariam alguma coisa ou não.
3. Solicite aos alunos que discutam entre si o que eles têm em comum ou não com o personagem-narrador:
  - “Vocês brincam das mesmas coisas que o menino?”
  - “Têm as mesmas dúvidas?”
  - “A relação de amizade entre vocês é semelhante à apresentada no livro?”
  - “Vocês também não gostam de fazer lição de casa?” **Professor, é importante deixar claro aos alunos que – apesar de o personagem do livro não gostar de fazer lição de casa – é muito importante que eles façam esse tipo de atividade, pois ajuda no desenvolvimento do aprendizado individual.**
4. Recomende aos alunos que escolham um dos sentidos e produzam um pequeno texto, colocando as impressões pessoais e explicitando como o concebem. Os textos do livro estudado (**O livro dos sentidos**) devem servir como inspiração.
5. Proponha uma roda de conversa em que as crianças contem experiências que tiveram com a intuição. Debata com elas o modo de percebermos o mundo, que pode ser racional e objetivo – como tudo o que é apreendido pelos sentidos –, ou emocional e subjetivo – como o que é apreendido pela intuição.

### Interpretação do texto

1. No capítulo sobre a audição, retome com os alunos a história contada pelo tio do narrador, da “orelha que cresce”. Pergunte se eles acham que isso realmente acontece ou não. Caso as crianças fiquem na dúvida, proponha que façam uma experiência empírica: que assistam a programas bons e ruins na TV, e meçam suas orelhas antes e depois. O objetivo é que elas percebam que se trata de uma narrativa ficcional, oriunda da cultura popular brasileira. No momento da discussão coletiva sobre o assunto, faça a comparação com o “nariz que cresce quando se mente”, algo sabidamente fictício, mas que está impregnado no imaginário infantil.
2. Ainda no capítulo sobre audição, peça aos alunos que façam uma lista com todas as etapas do que aconteceu com a borboleta azul da história narrada pelo pai do menino – do momento em que saiu da boca do homem que dormia até o momento em que voltou. Em uma coluna ao lado da primeira, peça-lhes que coloquem as etapas do sonho narrado por ele, relacionando cada fato ocorrido

com a borboleta a um fato do sonho. O objetivo desta atividade é explicitar a analogia presente na história, que pode não ser tão visível para as crianças.

3. No capítulo sobre a visão, proponha aos alunos um exercício de caminhar pela escola de olhos vendados. Divida a classe em dois grupos: metade da turma vive essa experiência, enquanto a outra metade, com os olhos abertos, guia os colegas. Depois os alunos trocam de papel, de forma que todos passem pelas duas situações. Ao término da atividade, proponha uma roda de conversa: “O que foi difícil nesta atividade? Como a visão nos auxilia no dia a dia? Nós temos consciência de sua importância? Qual foi o papel dos colegas que guiavam? Era preciso confiar nele?”. Por meio dessa discussão, os alunos perceberão a importância da visão no dia a dia e o sentido da coletividade. Guiar ou ser guiado em uma atividade como essa significa fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceitos de natureza alguma. Ao exercitar a empatia, o diálogo e a cooperação, os alunos estarão construindo a competência de empatia e cooperação preconizada pela BNCC.
4. Este bate-papo sobre empatia, diálogo e cooperação pode ser aprofundado com base no trecho do mesmo capítulo (sobre a visão) que trata do “diálogo com as formigas”. Pergunte aos alunos: “Será que isso é possível? As formigas se comunicam de alguma forma conosco? E os animais domésticos? E as plantas? E as outras pessoas? A quem devemos respeito?”. O objetivo é que o aluno se perceba, como ser humano, fazendo parte de um ecossistema, devendo respeitar toda forma de vida. Alicerçado nessa reflexão, leve-os a entender que esse respeito inclui a vida humana, e que respeitar e identificar-se com outro ser humano significa desenvolver a empatia e a cooperação.
5. No capítulo sobre o paladar, discuta com os alunos a comparação que o autor faz: ora ele fala do paladar, ora ele fala da boca (e sua função comunicativa). Pergunte a eles: “São a mesma coisa? Estão relacionados de alguma forma?”. Leve-os a perceber que, embora a língua seja o órgão do sentido responsável pelo paladar, ela não tem apenas essa função, sendo também responsável pela articulação fonética.
6. No capítulo sobre o olfato, proponha aos alunos que façam uma pesquisa com pessoas da escola. Eles devem trazer elementos com cheiros diferentes e acondicioná-los em recipientes iguais, que não permitam a visualização do conteúdo. Depois, devem sair pela escola pedindo às pessoas que cheirem os recipientes e respondam a duas perguntas: “O que esse cheiro lembra a você?” e “O que você acha que tem aqui dentro?”. O objetivo é que as crianças percebam que o olfato, além de ser um sentido objetivo, que nos permite identificar elementos do mundo à nossa volta, também possui um aspecto subjetivo, pois os cheiros estão muito ligados às nossas lembranças.
7. No capítulo sobre o tato, retome a sequência em que o narrador conta que sonhou que estava fazendo xixi e fez xixi na cama. Incentive as crianças a contar sonhos que tiveram e comentar se eles ocasionaram alguma reação na vida real.
8. Ainda sobre o tato, discuta com os alunos a importância do toque. Proponha momentos em que eles se toquem, façam massagens uns nos outros. Este exercício, além de aprofundar a compreensão do tema do capítulo, também permitirá que o grupo fortaleça os vínculos, aprofundando as competências socioemocionais propostas pela BNCC.

9. No capítulo sobre a intuição, explore o fato de ela ser chamada de “sexto sentido”. Articule essa exploração com a pesquisa realizada com os familiares antes da leitura.

## Linguagem

1. No capítulo sobre a audição, peça aos alunos que grifem os trechos em que há palavras repetidas perto umas das outras. Eles poderão grifar trechos como os da página 7 (“O corpo humano tem partes que, para falar a verdade, *não servem para nada*. Sobrancelha *não serve para nada*. Verruga *não serve para nada*. Unha do pé *não serve para nada*) ou os da página 10 (“*É gostoso* ficar de noite na cama escutando a chuva cair. / *É gostoso* ouvir o sinal quando chega a hora do recreio. / *É gostoso* ouvir o barulho da cachoeira ou das ondas quebrando no mar.”), por exemplo (há outros ao longo do capítulo). Lance-lhes a seguinte questão: “Será que o autor colocou tantas palavras repetidas porque não percebeu, ou foi de propósito?”. O objetivo é que os alunos percebam que, embora não seja recomendada a repetição excessiva de palavras em um texto em prosa – para evitar problemas de coesão –, ela pode ocorrer quando há a intenção de se enfatizar uma ideia, ou de se produzir um efeito no leitor.
2. No capítulo sobre a visão, peça aos alunos que grifem as expressões populares que aparecem ao longo do texto, como na página 20 (“Em terra de cego, quem tem olho é rei”), ou na página 21 (“O pior cego é o que não quer ver”). Proponha uma roda de conversa para discutir o sentido de cada uma dessas expressões e peça-lhes que criem outros contextos (um pequeno parágrafo ou um diálogo) em que possam inseri-las. Ao término da atividade, mostre o trabalho refinado de linguagem que o autor precisou desenvolver para unir expressões tão díspares em um só texto, com coesão e coerência.
3. No capítulo sobre o paladar, destaque o parágrafo final da página 28 e chame a atenção dos alunos para a pontuação: as falas estão apenas separadas por travessões; não há a clássica divisão de “dois-pontos, na outra linha, parágrafo, travessão, letra maiúscula”. Ou seja, mostre aos alunos que há outras possibilidades de pontuação dialogal além desta clássica. Retome alguns casos ao longo do livro em que ocorre essa pontuação clássica (p. 10, 12, 13, 44). Se possível, traga textos em que o diálogo seja relatado com o uso de aspas no lugar do travessão, para que possa ser feita a comparação.
4. No capítulo sobre o olfato, faça uma lista dos vários personagens que aparecem e peça aos alunos que identifiquem qual é a relação de cada uma delas com o menino-narrador. Encaminhe uma troca de ideias para que eles percebam que escrever uma narrativa na primeira pessoa não significa apenas conjugar os verbos dessa forma, mas acrescentar elementos pessoais à história, como faz o menino ao longo de todo o livro.
5. No capítulo sobre o tato, peça aos alunos que grifem todas as expressões que funcionam como marcadores temporais (“Outro dia”, “No mês passado”, etc.). Depois, peça-lhes que as coloquem em ordem cronológica e comparem a lista produzida com a ordem da narrativa. O objetivo é mostrar a eles que o fio condutor do texto não é a cronologia, mas a relevância daquilo que o narrador sente.

## Bate-papo e pesquisa

1. Proponha uma pesquisa de ditos populares. **O livro dos sentidos** é recheado deles. Com base no levantamento dos ditos populares presentes na obra, os alunos podem pesquisar outros e construir, coletivamente, um glossário de ditos populares, com seus significados e explicações de sua origem.
2. Ao longo da obra, podemos identificar inúmeras citações do que seria impossível ser feito se não tivéssemos aquele sentido, como na página 31 (“Sem boca ninguém ia ficar sabendo a diferença entre o doce, o salgado, o amargo e o azedo.”), na página 47 (“Já pensou não sentir o perfume delicioso das frutas penduradas nas árvores?”) e na página 61 (“Se a mão não tivesse pele, a gente não ia sentir quase nada.”). Peça aos alunos que façam um levantamento de todos os exemplos ao longo do livro que registram o que não poderia ser feito sem aquele órgão ou aquele sentido. Você pode dividir a turma em grupos e designar a pesquisa de um sentido para cada grupo.

## Produção de texto

Já foi sugerido, na seção “O texto e o contexto”, que os alunos produzissem um pequeno texto sobre apenas um dos sentidos. Proponha aos alunos que escrevam agora uma crônica, inspirada nas do livro, sobre todos os “seis sentidos”. Todas as produções podem compor um “Livro dos sentidos” coletivo da turma.

As etapas para a produção do texto podem ser:

1. Planificação: os alunos escreverão tópicos que abordarão nas crônicas que vão produzir. Podem também elencar ditos populares que serão utilizados.
2. Textualização: com base nos tópicos elencados na planificação, os alunos farão a composição textual, articulando os parágrafos e as ideias de cada sentido.
3. Revisão: depois de escrito o texto, deve ser proposta a revisão. Você, professor, pode estabelecer alguns critérios para guiá-los na tarefa de reler a produção e revisar:
  - O texto aborda todos os seis sentidos conforme foi proposto?
  - Os fatos estão bem encadeados, de forma que tornem o texto coerente? Foram utilizados marcadores temporais para isso?
  - Os assuntos foram organizados em parágrafos?
  - Os tempos verbais estão adequados aos tempos dos acontecimentos?
  - Há repetições de palavras, que podem ser substituídas por pronomes ou outras expressões?
  - As normas ortográficas foram obedecidas? Foi utilizada a pontuação adequada?

É importante que, no enunciado da atividade, estejam claros para os alunos, conforme recomenda Vidal (2014), três elementos: conteúdo, gênero e destinatário. Assim, é essencial que você diga a eles que escreverão crônicas sobre os sentidos para compor um livro coletivo da classe, que será lido para turmas de alunos mais novos que eles.

## Fazendo arte

Ao final do livro (no “P.S.” da página 80), o autor cita obras de arte em que se inspirou para compor algumas ilustrações do livro.

Peça aos alunos que pesquisem essas obras e as comparem com as ilustrações nelas inspiradas.

A seguir, em um trabalho interdisciplinar com Arte, distribua obras de autores que estejam sendo trabalhados para que possam inspirar as ilustrações do livro coletivo que eles elaborarão. Recomende-lhes que diversifiquem as técnicas de ilustração, aliando desenhos, pinturas, colagens e sobreposições.

### Para saber mais

Mais informações sobre o autor podem ser vistas no *site* dele:

<[www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br)>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Curiosidades sobre o olfato podem ser lidas em:

<<http://chc.org.br/o-olfato/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

## Exposição sobre os sentidos

Proponha a realização de um evento – “Exposição sobre os sentidos” – aberto aos pais. Veja algumas atividades que podem ser planejadas para isso:

1. Um varal com fichas do tipo “Você sabia?”, contendo informações oriundas de pesquisas da área de Ciências, sobre curiosidades relacionadas aos sentidos humanos.
2. Objetos diversos que instiguem os visitantes a usarem seus sentidos: fotos das crianças lendo o livro; fones de ouvido contendo a gravação da leitura em voz alta feita por elas; frascos com substâncias para serem cheiradas; guloseimas descritas no livro para serem saboreadas; texturas diferentes para que os visitantes passem a mão, entre outros.
3. Lançamento do livro coletivo da turma contendo as crônicas sobre os sentidos, com autógrafo dos autores.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

BRITTO, L. P. L. Literatura, conhecimento e liberdade. In: Instituto C&A (realização)/ FNLIJ (apoio). *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VIDAL, E. *Projetos didáticos em salas de alfabetização*. Curitiba: Appris, 2014.